



Dialética do Atraso:

Apontamentos acerca da desconstrução do ser social contemporâneo *

Adriano Eurípedes Medeiros Martins ¹

Cristiano Silveira Silva ²

RESUMO

Neste texto, focado num estudo da dialética do atraso (país rico, população pobre), tão premente na sociedade brasileira. Buscamos tornar nítida a relação entre a desconstrução dos valores e um meio social altamente dependente de controle externo ou forâneo. Tal situação se materializa num cenário de nítida opressão interna com vistas ao atendimento aos interesses externos ou de uma elite pequena e egoísta. Assim, o estudo de uma sociedade, como a nossa, mostra-se uma tarefa complexa e de difícil diagnóstico. Entretanto, a dificuldade não deve ser vista como um impeditivo, mas sim como um evidente alerta ético-social aos seres sociais que a compõe. Neste texto, analisaremos a relação entre os temas: ideologia, atraso ou subdesenvolvimento, mudanças sociais e tecnológicas, conexo ao campo da educação e do trabalho em uma sociedade que oscila entre a autodeterminação e dependência. Focaremos mais no conjunto das relações do que, propriamente, nos seus fundamentos filosóficos e/ou ético-sociais. Defenderemos o argumento de que há certa opacidade ideológica ao olharmos para nós mesmos e que este é um problema cíclico na sociedade brasileira. Essa tal opacidade reflete-se na incapacidade para nos enxergar e nos compreender enquanto sujeito social. E que, tal situação, tem reforçado um estado individual e coletivo de retrocessos e atrasos nas relações e na própria existência da nossa sociedade.

Palavras-chave: Educação e Trabalho, Opacidade Social, Ética Social, Subdesenvolvimento.

ABSTRACT

In this text, we focus on a study of the dialectic of backwardness (rich country, poor population), which is so pressing in Brazilian society. We seek to clarify the relationship between the deconstruction of values and a social environment that is highly dependent on external or foreign control. This situation materializes in a scenario of clear internal oppression aimed at meeting external interests or those of a small and selfish elite. Thus, the study of a society such as ours proves to be a complex task and difficult to diagnose. However, this difficulty should not be seen as an impediment, but rather as a clear ethical-social warning to the social beings that compose it. In this text, we will analyze the relationship between the following themes: ideology, backwardness or underdevelopment, social and technological changes, connected to the field of education and work in a society that oscillates between self-determination and dependence. We will focus more on the set of relationships than on their philosophical and/or ethical-social foundations. We will defend the argument that there is a certain ideological opacity when we look at ourselves and that this is a cyclical problem in Brazilian society. This opacity is reflected in the inability to see and understand ourselves as social subjects. And this situation has

* Submetido em 28/02/2025 – Aceito em: 22/04/2025

¹ Adriano Eurípedes Medeiros Martins 1, Brasil – aemmartins@yahoo.com.br

² Cristiano Silveira Silva 2, Brasil – cristiano.silveira@estudante.iftm.edu.br

reinforced an individual and collective state of setbacks and delays in relationships and in the very existence of our society.

Keywords: Education and Work, Social Opacity, Social Ethics, Underdevelopment.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da sociedade – seja ela qual for - é uma tarefa, em si mesma, complexa e de difícil diagnóstico. Mas, sabemos desde já que a dificuldade não deve ser vista como um impeditivo, talvez, com certo otimismo, um importante alerta ético-social aos seres sociais que compõe tal sociedade. No presente texto, nos proporemos analisar a relação entre os temas: ideologia, atraso ou subdesenvolvimento, mudanças sociais e tecnológicas, conexo ao campo da educação e do trabalho em sociedades que oscilam entre a autodeterminação e dependência.

Focamos mais no conjunto das relações do que, propriamente, nos seus fundamentos filosóficos e/ou ético-sociais. Defendemos o argumento de que há certa opacidade ideológica ao olharmos para nós mesmos e que este é um problema cíclico na sociedade brasileira. Essa tal opacidade assemelha-se a um eufemismo, cuja efetiva intenção está em afirmar que ‘não nos enxergamos, estamos cegos e idiotizados’ por um conjunto de valores e práticas com nítido viés ideológico, cuja principal resultante é uma espécie de idiotia coletiva com ares de normalidade comportamental. Sendo, em linhas gerais, tal idiotia uma forma de atraso mental ou intelectual caracterizado pela ausência de uma linguagem capaz de expressar e conectar o ser humano à coletividade social que lhe rodeia.

Em tempos de acesso massivo ao conhecimento e às informações, a tal idiotia, paradoxalmente, é marcante e presente num ser social cuja existência deveria ser marcada pela consciência, sociabilidade e autonomia. Nesse cenário, preliminarmente, constatamos que há aí certo descompasso e uma perspectiva dialética implícita. Convém destacar, desde já, que a perspectiva dialética deverá nos oferecer o suporte metodológico para a compreensão dos principais conceitos aqui elencados e de sua relação com a perspectiva de consciência crítica, a qual, em linhas iniciais se caracterizaria pelo pensar a realidade e estar atenta ao processo de movimento do real, ou seja, potencialmente pode ser tanto uma relação que avilta como a que esclarece. A partir deste movimento do real, exporemos o tal descompasso, o qual, por exemplo, se expressa na incapacidade do campo educacional e laboral em lidar com as constantes mudanças tecno-sociais vividas por todos nós, cujo reflexo macro está na capacidade da nação em se autodeterminar ou seguir sendo dependente de interesses forâneos.

O ser social e a questão dialética da consciência individual e coletiva

Primeiramente, abordaremos a questão do sujeito³. Isto é, ainda que dentro de categorias preliminares, vejamos a questão da consciência e do ser social no interior de uma sociedade dependente, tal qual a sociedade brasileira. Mais especificamente, comecemos, então, com o problema da opacidade da(s) consciência(s) acerca da realidade. Temos aí uma característica marcante, complexa e cíclica da nossa sociedade e que nos leva a duas hipóteses aparentemente contrastantes: 1) por um lado, teríamos um tipo de consciência muito incipiente (fragmentária ou unitária) de nós mesmos como ‘animais políticos’, justamente por faltar-nos uma concepção universalizadora (ou omnilateral⁴ e que fosse a expressão da complexa realidade dentro da qual nos inserimos, efetivamente), a qual pudesse melhor explicar, com vistas à transformação seja do indivíduo seja do coletivo humano, as raízes do nosso histórico subdesenvolvimento e atraso; ou, por outro lado, 2) haveria o desenvolvimento de algum processo (entenda-se, um processo dialético) fundamentalmente ideológico e alienante, o qual teria se tornado tão arraigado nas percepções e subjetividades humanas - tornando um sucedâneo (uma espécie de substituto) à própria realidade – cuja resultante seria uma forma de considerarmos o subdesenvolvimento e a dependência, juntamente com o atraso e suas mazelas como algo normal, natural e justificado na sociedade brasileira⁵. Em ambas hipóteses sobressaem o que é essencial à dialética do atraso, a saber, a falta de liberdade, autonomia e autodeterminação.

Dadas essas duas hipóteses, ao que parece, nos faltaria certa percepção daquela postura fundante da filosofia: a inquietação e o estranhamento, os quais poderiam nos levar a questionar tal ideologia⁶. Tal atitude questionadora poderia, fosse na sua gênese e/ou nas suas implicações, resultar num processo de aquisição de consciência, a qual poderia redundar numa possibilidade de alteração efetiva da realidade nos circunda e nos condiciona. Tal cenário hipotético, portanto, nos leva à seguinte pergunta: será que é isso que nos falta (algo a desenvolver), ou foi-nos tirado (já foi desenvolvido, mas atualmente estaria mitigado)?

É na compreensão do fenômeno do ‘desenvolvimento’ e, sua cara metade, o

³ Vale destacar o alerta de Saviani: “Diferentemente dessa maneira de entender o homem, cumpre partir das condições efetivas, reais” (2007, p. 154).

⁴ O conceito de **omnilateralidade** é importante para a reflexão sobre o campo da educação, uma vez que se refere a uma formação humana que se refere à todas as dimensões deste mesmo ser humano. É uma formação que se contrapõe à formação unilateral, a qual é fruto e mantenedora da divisão social do trabalho, do trabalho alienado, das relações burguesas de exploração, aviltamento dos sujeitos e por aí fora. Ver a importante obra **“Sobre a Concepção de Politecnicidade”** (1989) de Dermeval Saviani que trata desta temática.

⁵ Vale o importante do Álvaro Vieira Pinto: “...não poderia ser investigado o fenômeno do imperialismo sem ligá-lo aos interesses divergentes das classes em conflito, tanto no país submisso quanto no opressor” (**Por que os ricos não fazem greve?**, p. 35).

⁶ Indicamos a leitura do texto de Álvaro Vieira Pinto **“Ideologia e desenvolvimento nacional”** de 1960, cujo cerne está no estudo das relações entre atraso brasileiro e o papel da ideologia pós-golpe de 1964.

‘subdesenvolvimento’ ou o neoatraso, que encontraremos as relações e as matrizes conceituais para um melhor esclarecimento desse cenário crônico⁷. Ressaltamos os termos ‘cenário crônico’ para explicar a nossa história e os tempos obscuros, sombrios, cíclicos, cuja maior resultante tem sido o avanço do retrocesso - tanto os que nos marcaram como os prováveis que, sombriamente, nos aguardam⁸ -, ou a manutenção deste estado de atraso típico das sociedades marcadas pelo subdesenvolvimento. O que é mais gritante num país tido, a décadas, como uma das maiores economias do planeta e uma pífia distribuição de renda. Derivamos disso uma, também sombria, conclusão: isso não é uma novidade, é quase uma rotina histórico-existencial, é quase um ‘pão nosso de cada dia’, é quase um fado tropical. Daí o alerta clássico, ao estilo hobbesiano, por tudo isso, “a civilização (...) tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e [as] ordens dirigem-se a essa tarefa” (Freud, 1996, p. 16). Caso contrário, seremos (se é que já não o somos) os arquiteto-catatônicos de nossa própria estagnação, o que resulta(ria) em outros mais e piores atrasos e retrocessos sociais e existenciais com reflexos no hoje e no futuro para a própria manutenção de relações minimamente sociáveis e civilizadas entre os próprios seres humanos. Em suma, esta dialética do atraso é um paradoxo existencial que afeta a própria manutenção dos parâmetros mínimos de sociabilidade. Mas, é necessário detalhar melhor essa situação, para tanto, vale trazer para o campo analítico a questão da tecnologia e seu contundente impacto social.

Atualmente, vivemos num cenário de certo antagonismo: muito e pouco. Muito acesso à informação e pouca compreensão da mesma. Hoje, como dantes, a sociedade brasileira vive uma espécie de letargia e um certo emudecimento insuportável ou, no mínimo, constrangedor. É como se víssemos, ouvíssemos, mas não falamos. Alguém pode contra-argumentar: hoje as pessoas têm amplo acesso a canais e meios sociais de comunicação; logo, elas leem, ouvem e falam bastante. Aí, defendemos que não basta o ter ou fazer, é preciso saber fazer e conhecer os limites do ter. Hoje, a título de ilustração, apenas ‘tuítamos’ e, não raro, descambamos para a baixaria, ameaças, ódios e seus congêneres. Ao invés de construirmos conexões e pontes, somos arquitetos de barreiras e muros. Cujos impactos na seara da coletividade humana são nítidos e preocupantes no que tange à liberdade, autonomia e autodeterminação.

Seguimos empurrando absurdamente a pedra de Sísifo morro acima. Ora, se

⁷ “Sua conduta tem de ser, pois, incoerente e alternante; não ousa afrontar o capital estrangeiro senão de modo esporádico e assistemático. De outro lado, desejaria receber apoio das massas na luta contra o invasor, mas não as pode ter por aliadas fieis e duradouras porque são as vítimas da sua atividade espoliadora” (**Por que os ricos não fazem greve?**, p. 37).

⁸ Basta lembrar ao leitor o que ocorre no mundo nesses idos de 2025: avanço da ultradireita mundo afora e sua pauta liberalizante que implica em desemprego estrutural em todo o globo.

sempre foi assim, por que expressamos como sendo ‘insuportável tal emudecimento’? Uma possível resposta: primeiro, não foi sempre assim, a consciência já se posicionou contra a realidade que oprime e avilta (vide, no caso brasileiro, o Golpe de 64 e as ações que construíram o caminho das ‘Diretas Já’ e a reabertura política nos anos 80, o indiciamento do ex-presidente Bolsonaro e seus 36 comparsas em 2024, o filme nacional ‘Ainda estou aqui’, dentre outros. Em suma, seja no campo social, cultural, artísticos, dentre outros, nalguns momentos há uma reação, uma busca de romper o silenciamento ou emudecimento. Entretanto, veremos adiante, uma possível explicação para o fato destas ações e/ou reações não serem duradouras aqui nestas terras tupiniquins.

Em segundo lugar, talvez o aspecto mais angustiante existencialmente, esteja em que tal emudecimento ancora-se numa percepção de mundo em que nos compreendemos como portadores de um discurso que não tem amparo junto aos nossos contemporâneos nem tem ecos efetivos na sociedade atual. Ao que parece, quando muito, teríamos uma espécie de diálogo entre surdos; o que equivale – prática e efetivamente - a nada. Basta acompanharmos certos debates nas mídias sociais para constatar o diálogo de surdos; o que se busca é a prevalência de determinada visão de mundo e não o desvelamento da verdade que subjaz em tudo que cerca. Vale reiterar que, apesar de haver uma fértil possibilidade de comunicação, via redes sociais e outros recursos tecnológicos, em contrapartida, constata-se que nos falta o devido preparo para lidarmos com os meios de comunicação e/ou mídias sociais. Há o elemento técnico-maquínico-digital, mas falta ao fator eminentemente humano a proporcional consciência de seus usos e limites, por exemplo. Aí, cabe questionar um dos fatores – quiçá fundamento - desse estado de coisas: a escola nos preparou para lidar com tal realidade? Teria (ou poderia) a escola nos preparados para lidar com tal fenômeno que está aí na ordem do dia? Infelizmente, dadas as evidências histórico-sociais, sabemos a resposta, e se isso não liga o nosso ‘alerta’, há algo muito preocupante aí. Em suma, este é o quadro do insuportável emudecimento⁹ com ares de localidade, isto é, típico da sociedade brasileira. Destarte, noutros lugares, mundo adentro, tal emudecimento está sendo colocado em xeque e certas ações estão se posicionando diante de cenário crítico. Como exemplo podemos citar, em escala global, as reações ao espectro político tipificado como ultradireita, a busca por legislações – locais e em nível global - que controlem, mesmo que minimamente, as ditas

⁹ Recentemente, a Comissão de Educação Municipal da cidade de Pequim (China), estabeleceu que a partir de setembro de 2025, todas as escolas devem incluir o tema de Inteligência Artificial (IA) em no mínimo 8 horas/ano no currículo - como disciplina separada ou integrada as matérias de ciências e tecnologia.

*big techs*¹⁰, a incipiente organização dos trabalhadores de aplicativos¹¹, dentre outros.

Rumos e perspectivas: trabalho, educação e sociedade

Desse cenário derivamos outra questão: estamos diante do perigoso império da monovisão (monofalação)¹² focal de mundo e da, mais perigosa ainda, versão oficial dos pretensos fatos e eventos. Há uma dinâmica social - não restrita à sociedade brasileira, apenas - na qual a consciência é, intencionalmente, abafada e sua capacidade de resistir (e mesmo de propor saídas) mostra-se incipiente nalguns lócus ou silente noutros. E pior, esta ideologia travestida de monofalação torna-se o parâmetro da pretensa verdade. Daí a triste constatação de que a sociedade teme e, em certas circunstâncias, odeia seus pares e trabalha assiduamente para a degradação do ser social em escalas que vão do individual ao coletivo. Segue-se, então, o rosário das maldades: opressão, violência, exploração¹³, ódios, ideologia e tudo que lhe é sinistramente afim. Enfim, uma esquizofrênica e demente ruptura com a realidade, consigo mesmo e com o próximo implicando no evidente empobrecimento - mediado pelo uso indevido de certas tecnologias - das relações sociais e humanas.

Sabemos que a consciência humana não se manifesta numa mente esquizofrênica, estejamos a falar do indivíduo ou da sociedade. Aí, alijada a realidade, nenhuma ficção nos abala, ao contrário, parece até que nos conforta; torna-se, isso sim, seu narcotizante sucedâneo. Eis a essência da ideologização da sociedade¹⁴ e a conseqüente estupidificação humana com impactos evidentes na seara da educação e do trabalho. A título de ilustração das possibilidades abertas, trazendo o debate para o campo escolar, não importa se a escola é sem partido ou com partido, apartidária ou multipartidária: o que importa é que a escola tem que ser sim, compartilhada (eu, você, nós, pais, e todos os agentes com papel relevante na formação integral e existencial do ser humano com outros seres humanos, portanto, dialeticamente)¹⁵.

Entretanto, no campo da comunicação, constatamos que as redes sociais, por

¹⁰ Referência às maiores empresas de tecnologia do planeta com capacidade para influenciar vários campos, com destaque para o social, econômico e cultural. Dentre elas, podemos citar a Microsoft, Google, Meta e Amazon.

¹¹ Em março de 2025, no Brasil, ocorreu uma greve conhecida como 'Breque dos Apps', na qual os trabalhadores reivindicam melhores condições de trabalho e remuneração.

¹² Para Bruno et al., precisamos "pensar desde a margem, ou desde a situação latino-americana, é de imediato manter-se na diversidade" (2018, p. 9).

¹³ Ou, como afirma Zuboff: estamos diante de uma "lógica econômica parasítica" (2020, p. 7).

¹⁴ Para Álvaro Vieira Pinto, "Desaparecerá o estado de 'pobre', mas não, é claro, o de trabalhador" (**Por que os ricos não fazem greve?**, p. 102).

¹⁵ Saviani argumenta que "...a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo" (2007, p. 154)".

exemplo, têm gerado certo desinteresse pelos conteúdos das aulas e de quase tudo que se faz nas escolas. Aí se não criarmos a ‘escola dos likes’, não faz sentido ter escola. Não estamos questionando a necessidade de protagonismo dos estudantes no âmbito escolar, mas sim como poderia dar-se essa construção deste protagonismo; certamente não será pelos ‘likes’ ou ‘deslikes’¹⁶. Além disso, vale acrescentar a vidência de certos sujeitos face nosso futuro próximo. Certos arautos do futuro, preveem o fim da escola, da maioria de suas graduações, da desnecessidade dos docentes e por aí vai... Ao que parece o futuro nos reserva ou nos pede uma escola ‘midiatizada’ e, quiçá, idiotizada, também. Mas, se formos partidários das inovações constantes e sem limites (refiro-me ao campo ético e moral), aí teremos melhores docentes, isto é, inteligências artificiais generativas¹⁷ que ministrarão melhor e com mais ‘profundidade’ os conteúdos que fazem necessários para as gerações vindouras. Pressupondo, é claro, que haverá ‘futura geração’ – mas esse assunto escapa ao escopo do presente texto. Aí, adeus ao estímulo do intelecto e da consciência humana e bem-vindo o comodismo, acriticidade e ao privilégio da estupidez humana; bem-vindo processos de adestramento e alienação evidentes dos seres sociais. Em suma, a terceirização da consciência pode tornar-se uma realidade, resultando no extermínio do pensamento crítico e autônomo.

Como fator concomitante, as forças criadoras (aquelas que deveriam demonstrar a antes mencionada falácia ideológica e acriticidade) não se fazem significativamente presente e, em consequência, o subdesenvolvimento e atraso, tão cotidiano, aprofunda-se e, pior, naturaliza-se cada vez mais¹⁸. O pão que o diabo amassou, parece agora ser uma boa iguaria - não mais iremos estranhar a miséria, ela terá sido ‘naturalizada’ e viveremos a deliciosa época do privilégio da servidão com a certeza de queremos mais servidão e cada vez menos privilégios¹⁹. Seria a efetivação do controle e do conformismo de todo e qualquer ser social.

Reforçamos que pode haver, portanto, uma ruptura construída e nítida entre o fato empírico e a sua expressão por meio do discurso e dos valores humanos e sociais que lhe correspondem. Uma dialética aparentemente forçada pelo abuso da força e docilidade do abusado, na qual “emprestam a força da sua consciência à consciência da força” (Vieira Pinto, 2008, p 266). Consequência: a realidade terá perdido seu real significado, dissolveu-

¹⁶ Modo maniqueísta de expressar aprovação (like) ou reprovação (deslike) a algo e/ou alguém. Muito comum entre os jovens em idade escolar, mas com boa capilaridade, também, entre adultos.

¹⁷ Tem como foco a geração de imagens, sons, textos... a partir de ferramentas como o ChatGPT, Gemini, Copilot dentre outros.

¹⁸ De acordo com Vieira Pinto, “O operário pode passar de objeto a sujeito do trabalho. O ‘rico’ não. O ‘rico’ nunca é sujeito do trabalho; é apenas o dono dele” (**Por que os ricos não fazem greve?**, p. 54).

¹⁹ Referência ao texto **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital** de Ricardo Antunes.

se em representações e/ou construções consensuais, irreais, efêmeras e banais; por isso o quietismo e emudecimento (como padrão comportamental mínimo) acaba sendo o que nos resta, pois, 'fazer o quê?'. Nada!?!?, talvez seja esta resposta padrão. Entretanto, logo veremos que não precisa ser assim. Lembremos, como diria Walter Benjamin: "o crítico precisa ter a atualidade bem agarrada pelos chifres" (Schwarz *apud* Oliveira, 2013, p. 16). Mas, o que constatamos é que se tece uma trama do real e da atualidade bizarras: há muita certeza (sinônimo de ideologia) e pouquíssimo discernimento dos indivíduos acerca do seu papel analítico-crítico de agente (ação) público. E, usualmente, sabemos que quem tem "certeza", não costuma querer dialogar, mas sim, se impor. As consequências disto, numa época marcada pela influência massiva das mídias sociais e seus suportes maquínico-digital, qualquer um de nós pode antever, ou pior, constatar na nossa realidade econômico-social de dependência, parece estar, infelizmente, assegurada por várias gerações vindouras. Por isso, temos que voltar ao que tratamos no início deste texto, a questão central segue sendo o problema e a saída, isto a questão do papel do ser humano nestes dias que correm.

Considerações tendendo ao final

Por tudo isso, teríamos diante de nós (todos nós) um mero simulacro de realidade que pretende ser mais realista que a própria realidade justamente para ocultar a realidade efetiva das coisas. Uma tentativa insólita, mas não inédita, de barrar o movimento das forças históricas e existenciais inerentes aos próprios indivíduos e às sociedades de hoje, de outrora e vindouras. As imagens e mensagens repetidas não nos esclarecem, elas nos entorpecem os sentidos, a razão e as relações. Além de nos tornarem inertes, passíveis, dóceis a certos direcionamentos nada dignos, nem democráticos ou quiçá republicanos. Haja vista a falta de criticidade e autonomia.

A mera proposta de uma alfabetização midiática parece fora de propósito, afinal, podem argumentar/indagar: para quê ensinar o que já sabemos? Para que estudar o que não tem lugar num futuro não muito distante? O uso cotidiano de certas técnicas e tecnologias pode até dar a impressão de conhecimento, por parte dos seres sociais, do instrumento e de seus mecanismos, mas defendemos que usar e conhecer são esferas distintas; e que poderiam ser complementares. Daí que entendemos ser necessária uma educação sócio-midiática com vistas a preparar as novas – até mesmo a atual – geração para ter uma plena e efetiva participação nos destinos de sua própria vida e do seu desdobramento como *zoon politikon*, o qual deveria/deverá ter capacidade para avaliar criticamente a qualidade da informação que lhe é jogada massiva e exaustivamente diante

de seus olhos. Na sociedade brasileira, a educação poderia ser o fator que complementaria tal relação do ser humano com os elementos do mundo maquínico-digital. Caso contrário, nessa dialética do atraso, seguiremos vendo, mas não compreendendo o que é regularmente dado a nós perceber. Uma percepção sem entendimento, ou seja, a falibilidade da própria natureza humana e de seus valores que devem torná-lo efetivamente humano.

Ao que parece²⁰ voltamos à sombria e obscura caverna de Platão (alegoria da caverna). Ou como diria Freud: “Podemos (...) chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação” (1996, p. 40). Nem cavernas nem lixeiras, nem exploração nem resignação; nem telas ou écrans, mas sim, esclarecimento e consciência crítica, liberdade e autonomia, autodeterminação, eis o que deveria constituir o cerne da existência e das relações desse animal político do terceiro milênio. E, esta dimensão dialética do ser humano nos tem sido mitigada e, muitas vezes, negada. Mas, até quando?

²⁰ Essa é, aliás, uma visão com certo otimismo. Posto que podemos compreender que não é um caso de ‘voltar’, já que sequer ‘saímos’ dela.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRUNO, Fernanda et al. (orgs.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica à razão dualista & O ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de Politecnia**. FIOCRUZ: Rio de Janeiro, 1989.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A sociologia dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e desenvolvimento nacional**. Ministério da Educação e Cultura / Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), 4. ed, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Por que os ricos não fazem greve?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.